

Distribuição de grupos folclóricos em Santa Catarina e sua relação com a colonização do Estado

RESUMO

O objetivo foi verificar se o histórico de colonização das diferentes regiões de Santa Catarina se reflete na distribuição atual dos grupos folclóricos do estado. Os dados quantitativos foram retirados da listagem fornecida pela Fundação Catarinense de Cultura. Para as informações históricas, foi feita uma revisão bibliográfica. Estão registrados 182 grupos folclóricos distribuídos por 74 cidades. A etnia mais abundante foi a alemã, seguida pela luso-açoriana, e então italiana, gaúcha, de outros países europeus, grupos mistos, afro-brasileiros e outros. Os grupos luso-açorianos se concentram no litoral, o que concorda com o fato de terem sido responsáveis pela colonização mais antiga. Para os alemães e demais europeus, foram geograficamente observadas as duas principais ondas de imigração historicamente registradas: primeiro no nordeste e vale do Itajaí e posteriormente no oeste. Percebeu-se que a distribuição de grupos folclóricos de cada etnia tem relação com o processo de colonização das diferentes regiões.

PALAVRAS-CHAVE: Grupos folclóricos; Colonização; Imigração; Santa Catarina

Tainá Nunes

Graduada em Educação Física
Universidade Federal do Paraná,
Departamento de Educação Física,
Curitiba, Brasil
taina.nunes8@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8864-2811>

Wanderley Marchi Júnior

Doutor em Educação Física
Universidade Federal do Paraná,
Departamento de Educação Física,
Curitiba, Brasil
marchijr@ufpr.br

<https://orcid.org/0000-0002-4911-9702>

Distribution of folkloric groups in Santa Catarina and its relation to the colonization of the State

ABSTRACT

The objective was to verify if the colonization history of different regions of Santa Catarina is reflected on the current distribution of the folkloric groups of the state. The quantitative data were taken from the list provided by the Fundação Catarinense de Cultura. For the historical information, a bibliographic review was done. There are 182 groups registered, distributed on 74 cities. The most abundant ethnicity was German, followed by Portuguese-Azorean, Italian, *gaúcha*, other European countries, mixed groups, African-brazilian and others. The Portuguese-Azorean groups concentrate on the coast, what agrees with the fact they were responsible for the oldest colonization. For the Germans and other Europeans, the two main colonization waves historically registered were geographically observed: first on the northeast and Itajaí's valley and after on the west. It was perceived that the distribution of the folkloric groups of each ethnicity is related to the colonization process of the different regions.

KEYWORDS: Folkloric groups; Colonization; Imigration; Santa catarina

Distribución de grupos folclóricos en Santa Catarina y su relación con la colonización del Estado

RESUMEN

El objetivo fue verificar si la historia de colonización de las regiones de Santa Catarina se refleja en la distribución actual de los grupos folclóricos en el estado. Los datos cuantitativos fueron tomados de la lista proporcionada por la Fundação Catarinense de Cultura. Para información histórica, se realizó una revisión bibliográfica. Hay 182 grupos folclóricos distribuidos en 74 ciudades. La etnia más abundante fue la alemana, seguida por la portuguesa-azoriana, italiana, gaucha, otros países europeos, grupos mixtos, afrobrasileños y otros. Los grupos luso-azoreanos se concentran en la costa, lo que concuerda con el hecho de que fueron los responsables de la colonización más antigua. Para los alemanes y otros europeos, se observaron geográficamente las principales olas de inmigración registradas: en el noreste, el valle de Itajaí el oeste. Se notó que la distribución de los grupos folclóricos de cada etnia está relacionada con el proceso de colonización de las regiones.

PALABRAS-CLAVE: Grupos folclóricos; Colonización; Inmigración; Santa catarina

INTRODUÇÃO

Santa Catarina, estado da região sul do Brasil, teve sua população formada por várias ondas migratórias. Assim como no restante do país, esses imigrantes vinham de diversas partes do mundo ou de dentro do próprio Brasil, influenciados por diferentes momentos históricos e ciclos econômicos. A seguinte figura ilustra resumidamente as principais ondas migratórias que definiram esse processo em Santa Catarina.

FIGURA 1 - ORIGEM DOS COLONIZADORES DE SC



Fonte: Secretaria de Estado do Planejamento do Governo de Santa Catarina, 1986.

Em comparação a outras regiões do país, a ocupação efetiva de Santa Catarina se deu mais tardiamente. Apesar de já haverem habitantes anteriormente, como povos indígenas e portugueses já estabelecidos em outras partes do Brasil que migraram para o estado, a colonização começou com mais intensidade apenas no século XVIII, com a chegada de açorianos no litoral catarinense (região mostrada em amarelo claro na figura 1) (CARUSO; CARUSO, 2007).

No século XIX, a colonização avançou para além do litoral, com a chegada de mais imigrantes europeus, principalmente alemães, mas também poloneses, austríacos, suíços, italianos, entre outros (as regiões onde eles chegaram primeiramente estão em rosa no mapa, e sua expansão se deu para as regiões em azul e verde escuro). Deve-se lembrar que a passagem de tropeiros

transportando gado entre o Rio Grande do Sul e São Paulo já começava a povoar locais mais no interior do estado (influenciando as regiões em verde claro e escuro). O oeste foi a última região a ser colonizada, principalmente por uma onda de imigrantes europeus (representada em amarelo mais escuro) que já haviam se instalado anteriormente no Rio Grande do Sul (SOARES, 1979).

Todos esses povos trouxeram consigo suas culturas, tendo que adaptá-las à nova realidade que encontraram em Santa Catarina. Aos conhecimentos e tradições, geralmente transmitidos de modo oral, pode-se dar o nome de folclore, o que inclui costumes, técnicas e artes, dentre elas as danças folclóricas (ALMEIDA, 1971). Até hoje, existem grupos folclóricos formados com o intuito de praticar estas danças, assim como outras atividades, atuando como uma forma de coesão social, formando e/ou reafirmando uma identidade cultural (DELBEM, 2007).

Desde o início do povoamento do estado, séculos se passaram, com estes povos interagindo com um ambiente totalmente diferente de suas origens, assim como com outras culturas, miscigenando-se e adaptando-se. Isso pode nos levar a um questionamento: essas culturas realmente tiveram a capacidade de se perpetuar, refletindo-se no cenário artístico até hoje?

O senso comum de quem vive na região poderia afirmar que sim, através da observação de elementos de seu cotidiano, como a arquitetura, culinária, celebrações, entre outros. Entretanto, é importante observar esse fenômeno dos grupos folclóricos também com um olhar científico, verificando se as vivências individuais e coletivas que formam o senso comum realmente se confirmam. Assim, esse artigo busca verificar, agregando dados quantitativos e qualitativos, se o histórico de colonização das diferentes regiões de Santa Catarina se reflete até hoje na distribuição dos grupos folclóricos do estado.

METODOLOGIA

O estudo foi conduzido em duas etapas principais: a primeira, quantitativa, tratou-se de uma abordagem descritiva dos dados de cadastro de grupos folclóricos fornecidos pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC, 2021). A segunda, qualitativa, foi uma revisão bibliográfica sobre a história de Santa Catarina, focando no processo de colonização, de modo a observar as possíveis congruências ou divergências em relação aos dados quantitativos.

A revisão bibliográfica foi realizada através de livros sobre folclore e história de Santa Catarina, aos quais se teve acesso adquirindo em sebos ou emprestando da Biblioteca Municipal de

Rio Negrinho¹. Também foram utilizados teses, dissertações e artigos que abordassem aspectos relevantes da colonização do estado.

Foi utilizado o software Microsoft Excel para organizar os dados da FCC, que fornece uma classificação por etnia dos grupos folclóricos cadastrados, e informa a cidade à qual cada um pertence, mas não faz uma organização por cidade, sequer quantifica os grupos, apenas lista-os. Assim, o trabalho foi tabular essas informações e fazer uma reorganização, permitindo visualizar os dados com maior clareza. Depois desse processo, foi possível obter as quantidades absolutas e calcular percentuais de grupos em cada cidade e de cada etnia.

Em relação às etnias, a categorização feita pela própria FCC (2021) é a seguinte (em ordem alfabética):

- Afro-brasileiro (referente à cultura de diferentes partes do continente africano, trazida e adaptada por negros escravizados ou libertos, e seus descendentes);
- Caboclo (referente à cultura dos povos indígenas nativos e seus descendentes, frequentemente miscigenados com brancos ou outras etnias);
- Gaúcho (referente à cultura do Rio Grande do Sul, que contém traços de países como Uruguai e Argentina);
- Ítalo-brasileiro (Itália);
- Latino-americano;
- Luso-açoriano (Portugal, incluindo o arquipélago de Açores);
- Misto;
- Nipo-brasileiro (Japão);
- Polonês;
- Suíço;
- Teuto-brasileiro (Alemanha);
- Tirolês (região do Tirol, situada em parte da Áustria e Itália);
- Ucraniano.

Para facilitar a visualização dos dados, algumas categorias que possuíam poucos representantes foram agrupadas. Os grupos de origem alemã, portuguesa e italiana foram representados isoladamente, uma vez que estavam em maior quantidade. Já os demais países ou regiões do continente europeu – Polônia, Suíça, Ucrânia e região do Tirol – foram reunidos sob a

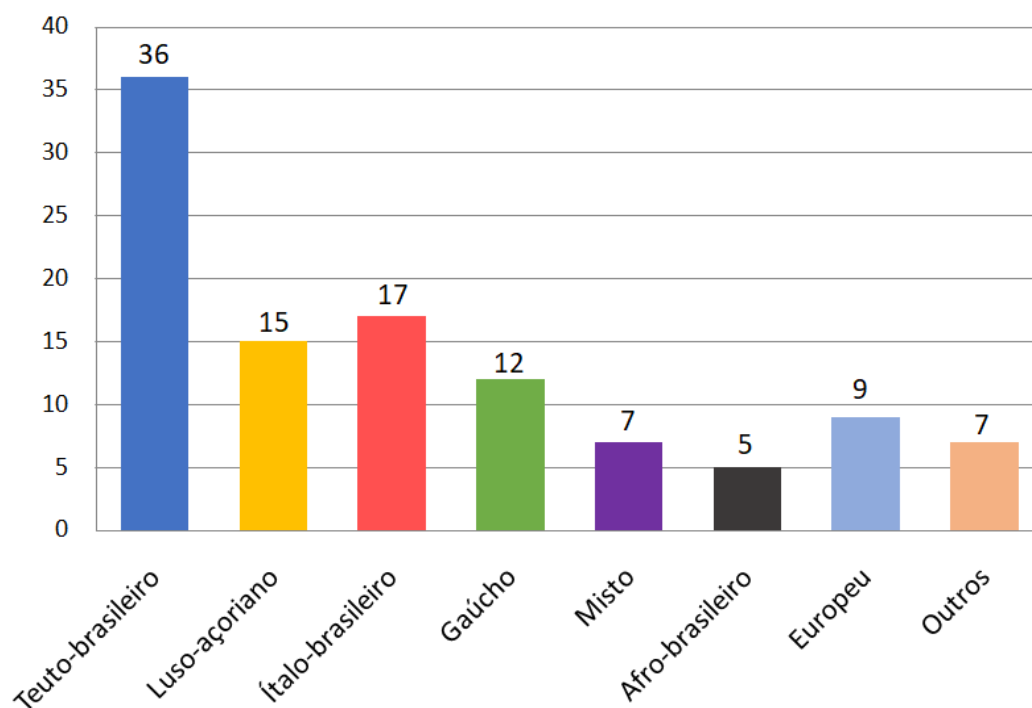
¹ A biblioteca desta cidade catarinense foi a única consultada, pois trata-se do local de residência da primeira autora e, como este artigo foi escrito durante a pandemia de COVID-19, viagens eram desaconselhadas.

denominação de “europeus”. Grupos gaúchos, mistos e afro-brasileiros também foram mostrados isoladamente, porém os demais foram agrupados como “outros”, categoria que engloba os grupos caboclos, latino-americanos e nipo-brasileiros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 295 municípios catarinenses, 74 possuem ao menos um grupo folclórico cadastrado na FCC, representando aproximadamente 25% dos municípios. Em relação a cada etnia, a quantidade de municípios que possuem ao menos um grupo folclórico daquela classificação está no gráfico a seguir:

GRÁFICO 1 – PARA CADA ETNIA, QUANTIDADE DE MUNICÍPIOS COM AO MENOS UM GRUPO FOLCLÓRICO²

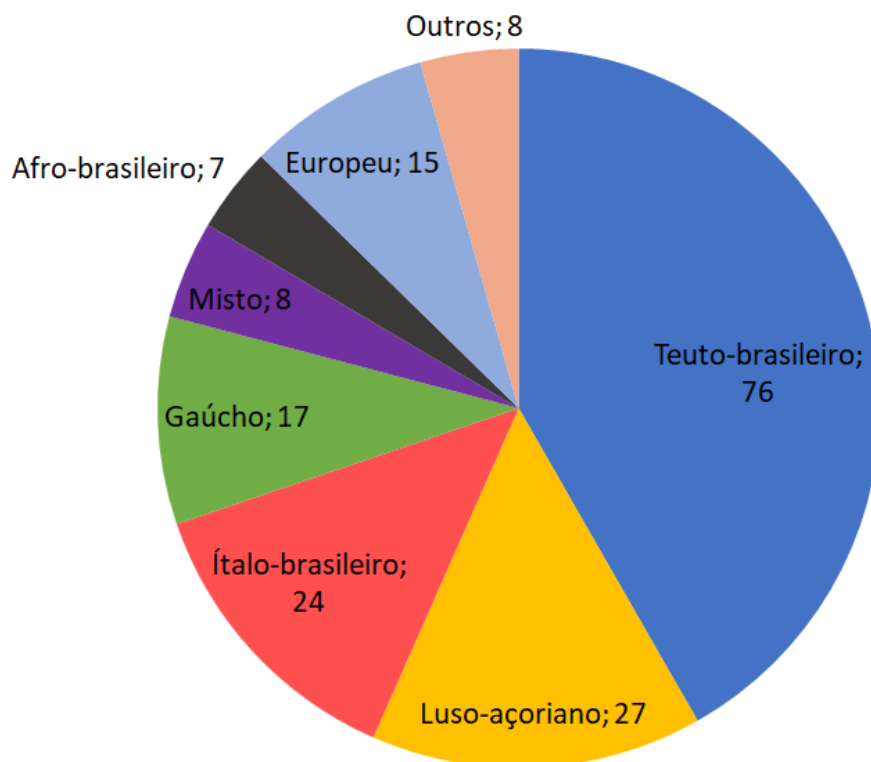


Elaborado pelos autores. Fonte: FCC, 2021.

² A soma das colunas (108) não corresponde ao total de municípios com grupos cadastrados (74), pois 24 municípios possuem grupos de duas ou mais etnias diferentes.

No total, na listagem da FCC constam 182 grupos folclóricos. Considerando que algumas cidades possuem mais de um grupo de uma mesma etnia, é relevante também mostrar a quantidade de grupos de cada etnia, em relação ao total de grupos registrados, dado presente no gráfico 2.

GRÁFICO 2 - QUANTIDADE DE GRUPOS FOLCLÓRICOS DE CADA ETNIA



Elaborado pelos autores. Fonte: FCC, 2021.

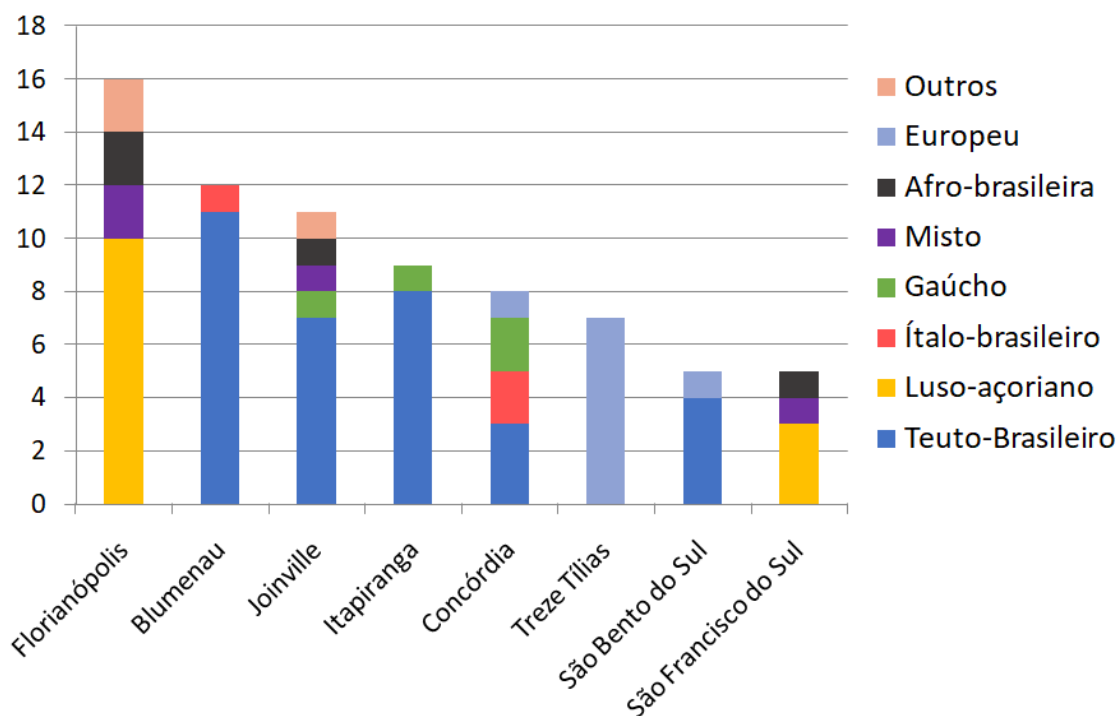
Em ambos os gráficos, se destacam os grupos de origem alemã, com 76 grupos distribuídos em 36 cidades, que representam aproximadamente 41,8% dos grupos cadastrados. Percebe-se que a etnia alemã predomina tanto em número de cidades, quanto de grupos, dando indícios de uma importante participação desta etnia na colonização do estado. Em relação ao número de grupos, um fator que influencia essa predominância é o fato de a primeira e terceira cidades mais populosas de Santa Catarina terem maioria alemã entre os grupos folclóricos. São elas, respectivamente: Joinville, com sete grupos alemães, e Blumenau, com onze. Além disso, também há cidades menores com uma cena cultural forte, com destaque para Pomerode, vizinha de Blumenau, que sendo apenas a 44ª em população, possui quatro grupos teuto-brasileiros.

Um fator cultural que pode ter influenciado nessa predominância é uma tendência de associativismo do povo alemão, ou seja, o costume de formar associações, geralmente em torno de interesses em comum como ginástica, música, canto, entre outros. Esses espaços já eram

importantes para a socialização entre os alemães no continente europeu, e foram ainda mais essenciais quando eles se instalaram no Brasil, servindo para fortalecer a coesão social, promovendo apoio mútuo. Assim, é possível que a formação de uma quantidade maior desses grupos entre os alemães tenha colaborado na preservação de sua cultura ao longo das décadas (MICKUCZ, 2017).

A segunda etnia com mais grupos é a luso-açoriana, representando 14,8% do total, seguida pela ítalo-brasileira, com 13,2%. Ao analisar a quantidade de cidades (gráfico 1), as posições destas duas categorias se invertem, com os grupos italianos presentes em duas cidades a mais que os portugueses. Isso ocorre pois há dez grupos portugueses concentrados apenas em Florianópolis, capital do estado, enquanto os italianos ficam mais dispersos em cidades menores, com no máximo quatro grupos em uma mesma cidade (Rio do Oeste). Para ilustrar a distribuição de grupos na capital e em outros locais, o gráfico a seguir mostra a quantidade de grupos presentes nas cidades com maior concentração deles (cinco ou mais).

GRÁFICO 3 - DISTRIBUIÇÃO DE GRUPOS FOLCLÓRICOS DAS CIDADES COM CINCO GRUPOS OU MAIS

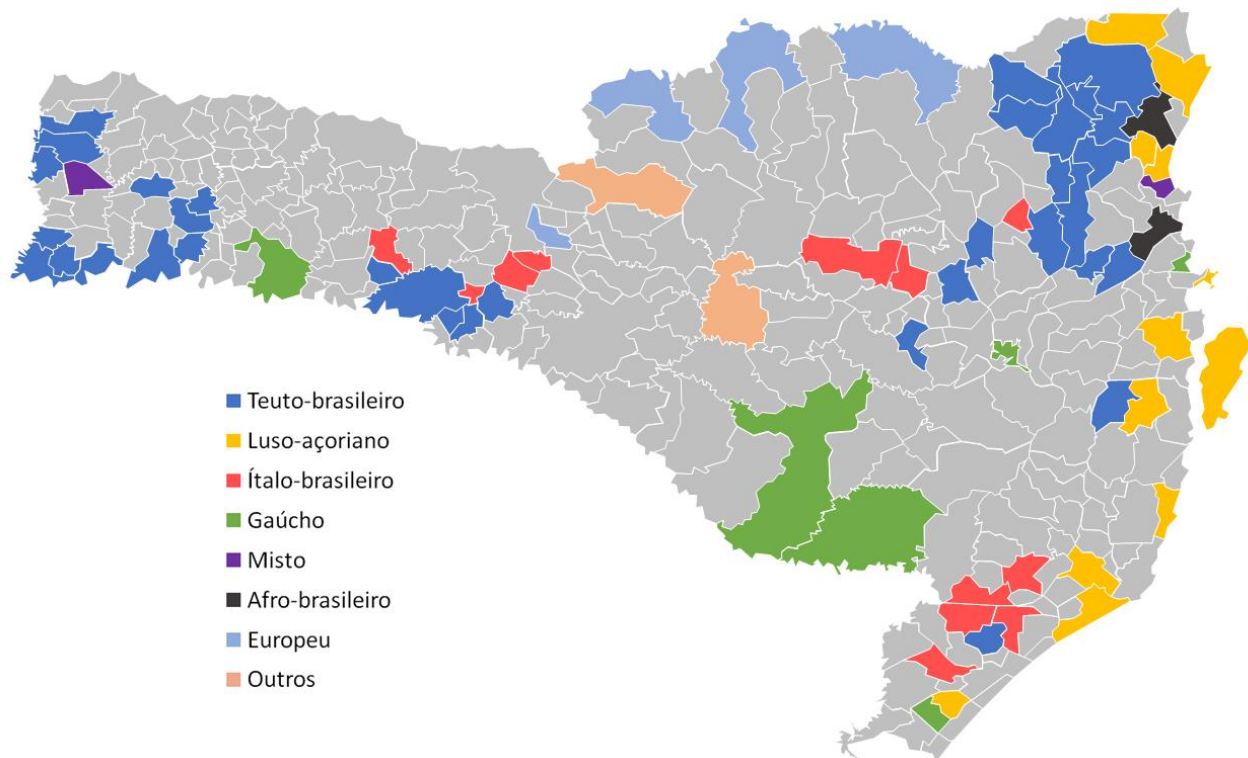


Elaborado pelos autores. Fonte: FCC, 2021.

Percebe-se mais uma vez a predominância de grupos alemães, que são os mais comuns em cinco das oito cidades com mais grupos folclóricos. Ressalta-se também que ambos os locais com maioria de grupos portugueses são cidades litorâneas.

O mapa a seguir (figura 2) mostra qual a etnia com o maior número de grupos em cada cidade catarinense. As cidades em cinza claro não têm nenhum grupo folclórico cadastrado no site da FCC.

FIGURA 2 - ETNIA COM MAIS GRUPOS FOLCLÓRICOS NOS MUNICÍPIOS DE SC



Elaborado pelos autores. Fonte: FCC, 2021.

No mapa, a tendência observada no gráfico 3 se confirma: todas as cidades com predominância dos grupos luso-açorianos estão concentradas próximas ao litoral.

O arquipélago de Açores é composto de nove ilhas, sendo que apenas duas são maiores que Florianópolis, ilha que atualmente é a capital de Santa Catarina. Ao contrário do que se esperaria em um arquipélago, na metade do século XVIII a economia do local era mais baseada na agricultura do que na pesca. Devido à pequena área, o sistema feudal vigente na Europa era ainda mais opressor nos Açores, com a pouca quantidade de terras concentrada nas mãos de senhores que exploravam o trabalho dos camponeses. Além deste contexto social, as ilhas ainda sofriam com

atividade vulcânica e terremotos. Esses motivos tornavam atraente a possibilidade de começar uma vida nova no Brasil (CARUSO; CARUSO, 2007).

Além disso, no Brasil, o contexto era de disputas entre Portugal e Espanha em relação à posse de terras do sul, e por isso era de interesse da coroa portuguesa promover uma ocupação mais efetiva destas terras. Assim, a partir de 1748 começaram correntes migratórias dos Açores para Desterro, como era chamada Florianópolis na época, quando era apenas uma vila com cerca de 300 habitantes. Ao longo de oito anos de imigração, chegaram à ilha de Santa Catarina aproximadamente seis mil açorianos, que foram migrando também para o continente, formando outros núcleos de povoamento próximos ao litoral. Essa foi a primeira experiência de uma forma de ocupação e exploração da terra inovadora para o Brasil da época, estabelecendo um modelo que se tornou essencial para o desenvolvimento de Santa Catarina. Caruso e Caruso (2007, p. 60) explicam que:

Em SC, em vez do latifúndio implanta-se a pequena propriedade; no lugar do escravo africano é trazido o colono branco e, finalmente, ao contrário de uma agricultura tropical de exportação, aqueles imigrantes organizarão uma variada economia familiar de subsistência.

Outro ponto interessante a se observar é que os poucos grupos folclóricos afro-brasileiros existentes também se concentram no litoral, em cidades com presença de grupos portugueses, ou próximos a cidades com essa característica. Para compreender historicamente essa distribuição, é necessário voltar nossa atenção à economia de Santa Catarina antes mesmo da imigração dos açorianos.

As terras catarinenses, com seu clima subtropical, não eram apropriadas para os latifúndios que movimentaram alguns dos principais ciclos econômicos do Brasil, com plantações baseadas no trabalho escravo. Entretanto, começou a ser praticada a caça às baleias, que foi a principal atividade econômica nos primórdios de Santa Catarina. Aproveitava-se desde os ossos até a pele e barbatanas das baleias, mas o principal produto era o óleo, que tinha diversas funções, desde remédio, passando por combustível para iluminação, chegando até a ser empregado em construções. Contribuiu para o estabelecimento dessa atividade o fato de que na península ibérica já havia uma tradição de caça às baleias (VIEIRA FILHO, 2001).

Vale ressaltar que, antes da chegada dos açorianos, havia poucos habitantes em Santa Catarina; em sua maioria eram portugueses e seus descendentes, vindos não diretamente da Europa, mas que haviam chegado primeiramente em outras regiões do Brasil. Estes portugueses muitas vezes tinham escravos nos locais de onde vieram, como São Vicente, e costumavam trazê-los para

desempenhar diversos serviços. Além disso, os que possuíam armações, nome dado aos locais para pesca e beneficiamento das baleias, exploravam essa atividade principalmente através de mão de obra escrava (CARUSO; CARUSO, 2007). Assim, faz sentido que os grupos folclóricos afro-brasileiros estejam concentrados no litoral, onde os primeiros portugueses se estabeleceram, antes mesmo dos açorianos, e onde os negros escravizados trabalharam na caça às baleias, além de outras atividades.

Devemos lembrar que, apesar de ter havido a exploração da mão de obra escrava para essa importante atividade econômica, a quantidade de africanos escravizados trazidos para Santa Catarina foi muito menor que em regiões com latifúndios. Para exemplificar numericamente, em 1881, já próximo à abolição, o Brasil ainda tinha cerca de um milhão e duzentos mil escravos cativos, enquanto Santa Catarina contava com menos de onze mil (CARUSO; CARUSO, 2007). Esse fato, juntamente com as demais ondas migratórias europeias, influencia o perfil étnico de Santa Catarina até hoje, uma vez que o estado possui uma população majoritariamente branca, sendo o estado com maior proporção de autodeclarados brancos no Brasil tanto nos censos de 1940 quanto de 2000 (IBGE, 2007).

Voltando ao mapa da figura 2, podemos perceber que as cidades com maioria de grupos folclóricos alemães se concentram em duas áreas principais: uma apenas um pouco mais para dentro do continente que as cidades com mais grupos luso-açorianos, mas ainda no leste, principalmente na região chamada de Vale do Itajaí e no nordeste do estado; outra bem mais a oeste, se aproximando da fronteira com a Argentina. Observando a história de SC, é possível perceber que esses dois núcleos de grupos folclóricos foram originados por ondas migratórias distintas, que serão abordadas a seguir.

No início do século XIX, a Inglaterra, que começava seu processo de industrialização, passou a fazer pressões para acabar com o tráfico de escravos pelo Atlântico, inclusive no Brasil, principalmente com o objetivo de ter mais trabalhadores assalariados que pudessem consumir seus produtos. O Brasil foi muito resistente a essas pressões, uma vez que a maior parte da elite obtinha suas riquezas através da exploração da mão de obra escrava. Diante da relutância do Brasil, em 1845 a Inglaterra promulgou a Lei Aberdeen, instituindo que a marinha inglesa poderia apreender navios negreiros de qualquer nacionalidade no Atlântico. Percebe-se que, apesar de a abolição da escravatura só ter realmente ocorrido em 1888, na metade do século já se tinha essa pressão e a consequente percepção de que em breve o país teria que se adaptar a um novo modelo produtivo, e que isso poderia ser feito substituindo a mão de obra escrava por mão de obra livre de colonos europeus. A essa necessidade política, somava-se a visão racista de que era desejável trazer

imigrantes europeus, pois isso poderia promover um “embranquecimento” da população (FICKER, 1965).

Somado a esse contexto no Brasil, no século XIX a Europa vivia instabilidade política e problemas econômicos em diversos locais. No campo, as terras eram escassas e ainda persistia um sistema de exploração semi-feudal. Nas cidades, as indústrias que vinham surgindo e se fortalecendo exploravam seus operários, com jornadas exaustivas e condições de trabalho precárias (CARUSO; CARUSO, 2007). Isso levava muitas pessoas a se sentirem atraídas por propagandas, muitas vezes enganosas, feitas por empresas colonizadoras, que viram no transporte dos imigrantes um negócio lucrativo (FICKER, 1965).

Na metade daquele século, quase simultaneamente, se iniciaram duas iniciativas de colonização alemã, que dariam origem à primeira e terceira maiores cidades de Santa Catarina. A Colônia Dona Francisca, iniciativa principalmente de Christian Mathias Schroeder, através da Sociedade Colonizadora de Hamburgo, foi fundada oficialmente em 1851, às margens do Rio Cachoeira, e posteriormente viria a originar o que hoje conhecemos como Joinville (FICKER, 1965). Nas margens do Rio Itajaí-Açú, por sua vez, encabeçada pelo Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, foi criada em 1850 a colônia que atualmente veio a se tornar a cidade de Blumenau (VIEIRA FILHO, 2001).

Houve muitas dificuldades iniciais, já que as duas colônias se firmaram em territórios pouco povoados, exceto por povos indígenas, tendo que construir toda a infraestrutura praticamente do zero, na mata virgem, além de muitas vezes entrarem em conflito com estes povos, serem acometidos por doenças, entre outros problemas. Apesar disso, ambas continuaram recebendo imigrantes, se desenvolvendo, e foram pontos de partida para a expansão da colonização para as regiões próximas, como o restante do Vale do Itajaí (região onde fica Blumenau) e parte do Planalto Norte (região próxima à fronteira com o Paraná, que foi ligada à Joinville com a construção da Estrada Dona Francisca) (FICKER, 1965).

O oeste e centro-oeste catarinenses ficam mais distantes do litoral, que foi o ponto inicial da colonização. Com isso, apesar de ter havido a passagem de bandeirantes e tropeiros, além da vinda de trabalhadores para exploração de erva mate e construção de ferrovias, a região se encontrava menos povoada ao longo do século XIX, se comparado a Joinville e Blumenau, que já estavam em pleno crescimento (CARUSO; CARUSO, 2007).

A imigração mais intensa de europeus no oeste do estado começou apenas no início do século XX, após a Guerra do Contestado (1912 – 1916). O conflito envolveu, entre outros fatores, a disputa entre Paraná e Santa Catarina por terras da região, causando a morte de milhares de pessoas e culminando em um acordo que estabeleceu as fronteiras e levou ao surgimento de algumas

idades, entre elas Chapecó, que na época englobava quase toda a região oeste de Santa Catarina. As companhias colonizadoras passaram a investir no povoamento destas novas regiões anexadas. Entretanto, essa nova onda de colonização tem a particularidade de os colonos, em sua maioria, não terem vindo diretamente da Europa. Tratavam-se principalmente de alemães e italianos que já haviam se estabelecido em colônias do Rio Grande do Sul, e de lá migraram para o oeste catarinense, juntamente com seus descendentes (GIOVANONI, 2018).

Na figura 2, percebe-se que boa parte das cidades com maioria de grupos italianos estão próximas às de maioria alemã, tendo um histórico de imigração similar, no que diz respeito aos dois momentos que descrevemos (a partir da metade do século XIX no leste e início do século XX no oeste). Devemos destacar, entretanto, que a imigração europeia não parou completamente depois desses dois momentos, havendo novas ondas, causadas por outros contextos históricos. O principal exemplo é a fuga de europeus no período das duas guerras mundiais, seja pelas más condições de vida que a guerra causava ou por perseguições diretas a determinados grupos.

Em relação aos grupos gaúchos, estão registrados 17 grupos em 12 cidades, sendo que eles só foram maioria, aparecendo na figura 2, em seis cidades. Dentre elas podemos destacar Lages, cidade que surgiu principalmente devido à passagem de tropeiros vindos do Rio Grande do Sul, em especial Viamão, transportando animais (bois, cavalos e mulas) para São Paulo, mais especificamente Sorocaba, onde eram vendidos (SILVA, 2010).

A disseminação da cultura gaúcha em Santa Catarina provavelmente começou com essa atividade econômica, ainda no Brasil colônia, no século XVIII. Entretanto, com a proximidade dos estados, a migração de gaúchos para Santa Catarina continuou ao longo das décadas, espalhando-se para outras regiões (SILVA, 2010). Uma evidência disso é que a cidade com mais grupos folclóricos gaúchos registrados (três) é Itapema, uma cidade litorânea, contrariando a tendência de predominância dos grupos luso-açorianos nessa região.

Pode-se dizer que a principal manifestação do folclore gaúcho se dá através dos Centros de Tradição Gaúcha (CTGs). Há registros independentes do feito pela FCC (2021), contabilizando os CTGs em todo o Brasil. Chama atenção, nesse caso, a grande disparidade entre esses dados e os fornecidos pelo cadastro da FCC (2021). Silva (2010) relata que Santa Catarina tem 562 CTGs, sendo o segundo estado com maior quantidade, atrás apenas do próprio Rio Grande do Sul. É possível que essa diferença se dê por um desinteresse dos próprios CTGs em se registrarem na FCC, talvez por já possuírem uma institucionalização específica para eles, através da Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha.

Por fim, destacaremos uma etnia com apenas um grupo representante: os caboclos. Como mencionado anteriormente, a denominação geralmente é dada para os descendentes de indígenas,

geralmente miscigenados com portugueses ou outras etnias. Consideramos importante abordar, mesmo que brevemente, este grupo, pois em diversas obras sobre a história de Santa Catarina, observa-se uma tendência de invisibilizar os povos indígenas que habitavam na região, relatando como se os colonizadores tivessem ocupado terras totalmente inabitadas, o que não corresponde à realidade.

Onde hoje é o estado de Santa Catarina, habitavam principalmente povos Guaranis, Kaigangs e Xoklengs. Com a chegada dos europeus, houve conflitos pelas terras, levando ao extermínio de maior parte dessas populações. Os caboclos, por sua vez, geralmente eram pouco instruídos e não conseguiam se tornar donos de terras, servindo de mão de obra para agricultura, extração de erva mate e de madeira. Antes da Guerra do Contestado, constituíam boa parte da população da região Oeste e Centro Oeste, mas com as empresas colonizadoras levando alemães e italianos à região, já com melhores condições financeiras, acabaram sendo cada vez mais marginalizados (POLI, 2014).

Antes de finalizar, é necessário fazer uma ressalva importante. No escopo de um artigo, não foi possível abordar toda a trajetória dos imigrantes e seus descendentes desde antes do século XVIII, ainda mais considerando todas as etnias envolvidas. Ao comparar acontecimentos de séculos atrás com o contexto atual, é preciso tomar o cuidado de não cair na armadilha de reforçar uma possível tradição inventada. A invenção de tradições, conceito trazido por Hobsbawm e Ranger (2020), se trata da promoção de práticas com um valor simbólico, geralmente relacionando atividades recentes a um passado antigo, tentando estabelecer uma ideia de continuidade com esse passado.

No caso da colonização de Santa Catarina, sabe-se que essa continuidade foi comprometida, já que houve um momento de grande ruptura na perpetuação da cultura dos imigrantes, envolvendo dissolução de sociedades, proibição de línguas estrangeiras, entre outras medidas. Isso começou no período entre guerras, devido à Campanha de Nacionalização promovida pelo governo de Getúlio Vargas com a intenção de fortalecer uma identidade brasileira, mantendo-se ao longo da Segunda Guerra Mundial, devido às tensões causadas pelo conflito (HERBERS, 2014).

Com o afrouxamento dessas medidas, houve um movimento de retomada e reafirmação da cultura dos descendentes de imigrantes. Foi nesse contexto de resgate de uma identidade relacionada ao país de origem dos colonizadores, que surgiram muitos grupos folclóricos e festas típicas. O principal exemplo é a Oktoberfest de Blumenau, maior festa alemã fora da Alemanha, que busca resgatar a cultura dos colonizadores chegados em 1850, mas teve sua primeira edição apenas em 1984. No que tange as festas típicas e a valorização da cultura dos imigrantes de forma geral, deve-se lembrar que há também um interesse econômico envolvido. Estas culturas, além de

ajudarem a formar a identidade da população, são exploradas na construção de uma imagem turística de algumas cidades, e esse estímulo ao turismo tem se tornado importante para a economia destes locais (HERBERS, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De um modo geral, conseguimos perceber que a distribuição dos grupos folclóricos de diferentes etnias pelo estado de Santa Catarina tem relação com os registros históricos de como ocorreu a colonização de cada região. Assim, podemos afirmar que o perfil de colonização influencia o cenário artístico e cultural de SC até hoje, já que estes grupos estão atuantes, promovendo atividades como a prática de danças folclóricas, entre outras.

Apesar da ressalva sobre tradições inventadas feita no final da discussão, ressaltamos que isso não invalida os dados e relações encontradas. Não é porque alguma prática é recente, que ela não guarde relação com a colonização, ou não seja influenciada por ela. As congruências entre a etnia dos grupos folclóricos de cada região e o histórico de colonização do local logicamente não são coincidências. Trouxemos essa problemática das tradições inventadas para esclarecer que acreditamos que há sim uma relação e influência, mas não de uma forma tão direta e contínua quanto muitas vezes se afirma.

Por fim, se faz necessário apontarmos algumas limitações do estudo. Consideramos que foi interessante e enriquecedor abordar o estado como um todo, tendo uma ideia do panorama geral de grupos folclóricos, visualizando diferentes ondas migratórias de diversos locais. Contudo, essa amplitude, tanto geográfica quanto temporal, também gera a limitação de não conseguirmos estudar a fundo todo o percurso histórico de cada região. Acreditamos que este artigo abre a possibilidade de futuros estudos para analisar mais profundamente regiões e/ou etnias específicas, de acordo com o interesse de cada pesquisador.

Outra limitação está nos próprios dados analisados, já que o cadastro da Fundação Catarinense de Cultura não contém todos os grupos folclóricos existentes no estado, o que ficou bem claro no exemplo dos grupos gaúchos. Creemos que a diferença para esse recorte específico dos CTGs seja a mais grave, devido aos fatores que já abordamos na discussão. Assim, apesar de não compreender a totalidade do fenômeno, ainda se trata de dados confiáveis, vindos de um órgão oficial, que foram capazes de nos fornecer um bom panorama geral e muitas possibilidades de análises e reflexões.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Renato. **Vivência e projeção do folclore**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1971.
- CARUSO, Mariléa M. Leal; CARUSO, Raimundo C. **Imigrantes 1748-1900: viagens que descobriram Santa Catarina**. Tubarão: Editora Unisul, 2007.
- DELBEM, Danielle Conte. Folclore, identidade e cultura. **UNAR**, Araras (SP), v. 1, n. 1, p. 19–25, 2007.
- FICKER, Carlos. **História de Joinville - subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca**. 2ªed. Joinville: Imprensa Ipiranga, 1965.
- FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA (FCC). Lista de grupos folclóricos existentes em Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.cultura.sc.gov.br/dados/grupos-folcloricos>>. Acesso em: 29/07/2021.
- GIOVANONI, Neicarlo. **A dança como elemento de identidade alemã no oeste de Santa Catarina: um estudo sobre o Eintracht Volkstanzgruppe aus Chapecó**. 44 f. 2018. - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2018.
- HERBERS, Leonie. A Oktoberfest de Blumenau – uma festa “alemã”? Grupos de danças folclóricas e programação musical entre Alemanha, Brasil e o imaginário cultural teuto-brasileiro, 1984-2009. **Revista História: Debates e Tendências**, Passo Fundo, v. 14, n. 1, p. 167–181, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5335/hdtv.14n.1.4173>
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. 13. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2020.
- IBGE. Tendências demográficas - uma análise da população com base nos resultados dos censos demográficos 1940 e 2000. **Estudos & Pesquisas - Informação geográfica e socioeconômica**, Rio de Janeiro, v. 20, 2007.
- MICKUCZ, Pedro Romão. **Hoje é dia de concerto: uma análise do Theatro Nicodemus e da Sociedade Harmonia Lyra como espaços fomentadores do patrimônio musical de Joinville**. 154 f. 2017. - UNIVILLE, Joinville, 2017.
- POLI, Jaci. Caboclo: pioneirismo e marginalização. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, v. 19, n. 23, p. 149–188, 2014.
- SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO DO GOVERNO DE SANTA CATARINA, Origem dos colonizadores, 1986. Arquivo Digital de Mapas Catarinenses. Disponível em: <www.spg.sc.gov.br/mapas> Acesso em: 29/07/2021.
- SILVA, Edinéia Pereira da. **A construção de uma memória gaúcha em Santa Catarina**. 144 f. 2010. - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- SOARES, Doralécio. **Folclore brasileiro - Santa Catarina**. [S. l.]: FUNARTE, 1979.
- VIEIRA FILHO, Dalmo. **Santa Catarina 500 anos: Terra do Brasil**. 1ªed. Florianópolis: A Notícia, 2001.

NOTAS DO AUTOR

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à Motrivivência - ISSN 2175-8042 os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins não comerciais, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, compartilhar igual. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins não comerciais e compartilhar com a mesma licença.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Bianca Poffo.

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosario e Maria Vitória Duarte.

HISTÓRICO

Recebido em: 23 de fevereiro de 2022.

Aprovado em: 14 de setembro de 2022.